

Um Republicano Exemplar

Francisco de Oliveira
Professor Titular
Depto. de Sociologia, USP

Exmo. Sr. Professor Doutor Jacques Marcovitch
Magnífico Reitor da Universidade de São Paulo
Demais membros da USP
Minhas Senhoras e Meus Senhores
Professor Celso Furtado

Agradeço aos organizadores deste seminário, professores Glauco Arbix, do Departamento de Sociologia da FFLCH, Ricardo Abramovay, do Departamento de Economia da FEA e Mauro Zilbovicius da Escola Politécnica, por me terem concedido o privilégio de saudar o professor Celso Furtado na ocasião em que esta universidade lhe concede a medalha de honra ao mérito. A própria Universidade de São Paulo fica-lhes devedora, pois criaram a oportunidade, que talvez tenha faltado no passado, de assumir publicamente que o professor Celso Furtado é um dos seus, sobretudo agora quando o caráter público da universidade sofre o assalto de políticas antipúblicas.

Neste momento em que a crise da universidade se mostra quase obscenamente, é de fundamental importância que, sem paulistocentrismos, a mais importante universidade brasileira renda seu preito de gratidão a Celso Furtado, pela sua obra e seu exemplo. Esta é uma oportunidade ímpar para tornarmos público aquilo que o respeito humano, no mais das vezes, nos impede de falar.

Acabamos de participar, muitos dos que estamos aqui, do seminário que a instituição que Celso Furtado criou preparou para homenageá-lo, discutindo o futuro do Nordeste. Poucos homens públicos podem se orgulhar de obra semelhante e poucos homens públicos podem ter assistido em vida ao sentimento de perda que o Nordeste experimenta desde que a ousada

experiência de planejamento foi condenada e castrada pela ditadura militar de 1964.

É consensual destacar-se o papel e a posição de Celso Furtado na história brasileira dos últimos cinquenta anos. Para marcar esse lugar, bastaria conferir a importância de *Formação Econômica do Brasil*, seu livro clássico, que comparece em todas as listas da melhor produção científica nacional das ciências humanas neste século, ao lado das obras daqueles que, parafraseando Antonio Candido, são os demiurgos do Brasil. Ainda que redundante, é necessário fazê-lo, nestes tempos em que doutrinas e políticas ao arrepio da formulação dos problemas brasileiros pelos seus demiurgos, são implementadas, a ferro e fogo, atentando contra algumas das bases da formação nacional. A obra de Celso Furtado deve servir-nos como resistência e proposição, nesta difícil quadra.

Nos últimos cinquenta anos, de alguma maneira o debate sobre a economia e a sociedade brasileira estruturou-se em torno da interpretação do Brasil elaborada por Celso Furtado, a partir da herança de um Capistrano de Abreu, um Roberto Simonsen, um Caio Prado Junior, um Gilberto Freyre, dialogando, em posição diametralmente oposta, com os clássicos do autoritarismo, como Oliveira Vianna e Alberto Tôrres, para citar apenas dois. Neste sentido, ele se inscreve, outra vez com Antonio Candido, numa formação de largo fôlego. Mesmo quando adversários dela, tal como se deu com as políticas na ditadura militar, sob a hegemonia dos novos autoritários, como Eugenio Gudín, Delfim Netto, Roberto Campos e Otávio Bulhões, ou agora, com os neoliberais dependentistas-derrotistas, como Pedro Malan, Gustavo Franco e a escola da PUC-RJ, é a ela que estão se referindo, é com ela que estão debatendo, é a ela que pretendem derrotar. Poucas obras na história passam pela difícil prova de tornarem-se referência para movimentos políticos, formatando políticas e influenciando as gerações. No sentido gramsciano, poucas são as obras que se transformam em representações da realidade. A obra de Celso Furtado certamente passou por esse teste, saindo-se galhardamente. A influência não ficou dentro do Brasil, ou mesmo da América Latina: suas obras estão traduzidas em pelo menos quinze dos principais

idiomas do mundo, faladas por mais de 50% da população mundial. Seria apenas exótico se não revelasse esse poder, saber que *Formação Econômica do Brasil* foi traduzida para o *parsi*, a língua iraniana e para o árabe.

Este seminário se faz exatamente quando o tema central de Celso Furtado, a autonomia das decisões fundada no pacto federativo-nacional-democrático se reapresenta com urgência, face ao rotundo fracasso das políticas que optaram pela via da reiteração da dependência. O debate sobre o desenvolvimento ressurgiu com força, e a obra de Furtado continuará a ser fonte de inspiração e ponto de partida. Este seminário é, pois, da maior atualidade.

Não é coincidência que este seminário se realize exatamente quando o pacto federativo se vê crescentemente ameaçado pela ostensiva guerra fiscal, que se dá sob o pretexto da globalização, revelando a renúncia das elites e das burguesias ao projeto nacional. Deve servir de alerta para que São Paulo não se enrede nessa guerra suja, esquecendo-se da economia política da federação, da qual se beneficiou extraordinariamente desde que o café tornou-se o motor central do processo de acumulação de capital e desenvolvimento econômico. É preciso dizer de forma forte, sem receio da ira dos adeptos do mito da locomotiva puxando os vagões vazios: a dívida de São Paulo é de caráter político-moral, a de nunca ter usado seu poder e sua influência econômica e política para varrer de uma vez por todas com os estigmas do patrimonialismo anti-cidadão. Agora, sob um disfarce pós-moderno, no bojo das políticas neoliberais, repetem-se, com ferocidade frenética, práticas que foram apanágio das oligarquias mais retrógradas.

Nenhuma ocasião melhor para isso, senão a homenagem ao talvez único clássico do pensamento social brasileiro que colocou a questão da federação no centro de suas preocupações teórico-práticas, propondo, no fim dos anos cinquenta a refundação do pacto federativo, mudando-lhe a escala e os recortes, para uma espécie de federação regionalizada. Esta era a natureza da SUDENE, de que foi seu criador e primeiro dirigente. Ao invés de propor simplesmente mudar a representação na câmara de deputados, para favorecer

os estados mais populosos, tese simplista que freqüentemente percorre os discursos em São Paulo, ousou propor a mudança na forma da articulação federativa e uma gestão compartilhada dos recursos nacionais entre a união e os estados, propondo, também, uma nova representação que não substituíra aquela inspirada nos princípios democráticos, mas acrescentava-lhe a dimensão regional, para remar contra a tendência de desfiguração da federação pelas enormes pressões do próprio desenvolvimento. É bom aprender de novo essa lição, quando a globalização e as escolhas que negam a especificidade do subdesenvolvimento conduzem a políticas que já estavam fadadas ao fracasso, na medida em que se formulavam a-históricas, como se o subdesenvolvimento fosse um elo na cadeia que leva ao desenvolvimento. Estão a mostrar seus resultados: de novo, a ameaça do desmantelamento total da federação, de outro a permanência da troca desigual, atestando de um lado a pertinência teórica da formulação da relação centro-periferia, e de outro a vacuidade do entendimento de que as novas condições da globalização haviam tornado caducas as especificidades históricas, e no além de todos os desastres, a subordinação que não deixa espaço para iniciativas, impedindo os governantes de governarem, transformando-os - mesmo se essas não são as intenções - em algozes de seus próprios povos.

As diferenças de concepções não são superficiais. Valorizar o nacional não é nem populismo, nem xenofobismo. Pois o espaço nacional é ainda a forma onde se pode construir um processo democrático, colocando a possibilidade concreta de intervenção do povo e das classes sociais dominadas ao alcance de suas possibilidades civis e políticas. Pensar num espaço internacional ou globalizado como virtualidade democrática seria delírio se não fosse escárnio. Portanto, quando se postula a questão do Estado Nacional o que está em jogo é a soberania do povo.

Como travar um diálogo com possibilidades reais num espaço global, se nem sequer o governo norte-americano consegue enquadrar a Microsoft? Essa é a diferença principal, pois a concepção de Furtado não é nacionalista, nem populista; trata-se de uma concepção democrática, ao lutar por um espaço onde é possível, nada estando assegurado, a interlocução entre sujeitos sócio-

políticos-econômicos de pesos tão fantasticamente diferentes. Seguindo as matrizes teóricas de Weber e Mannheim, Furtado, na verdade, desloca a centralidade para a política, surpreendente num autor que é lido como economista. Em Celso Furtado, a nova função do estado no capitalismo contemporâneo, com ênfase na periferia, repousou sempre na razão democrática. Muito ao contrário dos que o mandaram para o exílio e cassaram-lhe os direitos políticos nas décadas da ditadura militar, ou dos que hoje tentam esconder no ovo da serpente do totalitarismo neoliberal o medo do poder do povo.

Tive a honra e o privilégio de trabalhar sob sua liderança e seu exemplo, professor Celso Furtado, beneficiando-me não apenas de sua competência mas, sobretudo, de seu raro sentido de homem público e republicano, num país onde as elites são plagadas pela peste do patrimonialismo mais nefasto. A criação da SUDENE, por si só, representou na verdade a chegada da modernidade ao Nordeste. Haveria um sem número de exemplos a que reportar-me no sentido da experiência vivida, que ajudou a formar gerações. Mas, contendo-me por que suas lições nunca foram movidas pela vaidade dos sepulcros caiados e dos falsos varões. Sua austera postura e seu pudor republicanos não se prestam a caricatos trejeitos heroicizantes. Dou, pois, um único testemunho pessoal. Estava ao seu lado no dia em que se consumou o golpe militar de 1964. Retirados do Palácio do governo de Pernambuco, onde tentávamos ajudar na resistência ao golpe, e em solidariedade ao governo legitimamente constituído, fomos intimados a nos apresentar no quartel general do IV exército em Recife. Ao entrarmos, a natureza do golpe confirmava-se: um corredor polonês de membros da oligarquia nordestina e de altas patentes militares, juntos numa orgia desembestada e frenética de vinganças e ódios de classe. No gabinete do então comandante daquele corpo de exército, assisti a uma cena e conversação inesquecíveis: o general Justino Alves Bastos, desculpando-se, disse a Celso Furtado que gostaria de ter contado com sua cooperação no difícil transe - não foi esse o termo daquele obtuso soldado - da nova ordem, a que o exército fora "obrigado" pela desmoralização do governo Jango Goulart. E ouvi a resposta, sem bravatas, na tensa calma daquela tarde: -"Eu sou um servidor federal, general. O Exército assuma a responsabilidade

pelo que fez, destituindo um governo legitimamente eleito. Não me peça para coonestar nem cooperar com isto, pois repugna aos meus princípios republicanos.”

Com essa lição de anti-conciliação, com essa radicalidade, como assinalaria outra vez Antonio Candido, logo quem estivera na FEB, oficial da reserva do Exército: essa postura tranqüila, anti-heróica, era a assinatura de sua própria cassação, logo no primeiro ato institucional. Mas permaneceu sua lição. Obrigado, professor Celso Furtado. A república que lutamos por construir lhe agradece.

Muito obrigado

Francisco de Oliveira

Cidade Universitária, USP
São Paulo, 14 de junho de 2000